

IVAN BARASNEVICIUS – Bacharel em música pela FAAM – SP, é coordenador didático do CENTRO MUSICAL VENEGAS MUSIC, onde ministra aulas de guitarra, baixo elétrico, harmonia e improvisação. Atualmente toca jazz e música brasileira no DUO PONTEIO. E-mail: ivan@venegasmusic.com



Acordes diminutos

Assim como nas escalas, alguns tipos de acordes são considerados simétricos, ou seja, possuem intervalos regulares em sua estrutura. Deste modo, apresentam redundância em algumas de suas rotações e inversões.

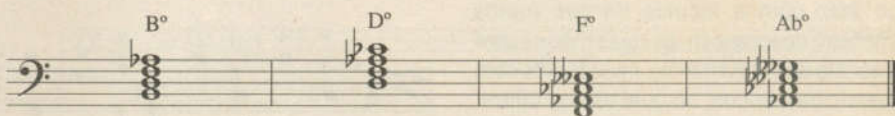
A téttrade diminuta, cujo acorde resultante também é conhecido como "diminutão", pertence a este grupo. Por ser uma sobreposição de três terças menores, não possui inversão, já que a nota do baixo acaba tomando as proporções de uma fundamental. No exemplo 1, o primeiro acorde é um B^o: quando colocamos a respectiva terça no baixo, o que se escuta é um D^o - repare que, na enarmonização, a nota B se torna Cb. Se fizermos novamente a inversão, o resultado é um F^o, em que o B passa a ser Cb, e o D, Ebb. Invertendo mais uma vez, temos um Ab^o: o B se transforma em Cb, o D em Ebb e o F em Gbb.

Como cada acorde diminuto dá origem a outros três e, portanto, se repete a cada terça menor, concluímos que há um número limitado de acordes diminutos. Resumindo, são apenas três originais e o resto é mera repetição. Na tabela abaixo, é possível perceber quais acordes têm as mesmas notas.

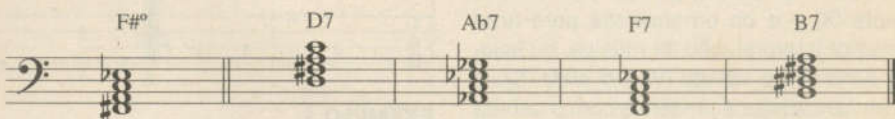
C^o = Eb^o = Gb^o = A^o
 C#^o = E^o = G^o = Bb^o
 D^o = F^o = Ab^o = B^o

A téttrade diminuta possui dois trítonos. Por isso, pode ter função dominante, já que tal intervalo é essencial para que um acorde tenha esta característica. Um trítono pode gerar dois acordes dominantes

EXEMPLO 1



EXEMPLO 2



diferentes, sendo que um é o dominante substituto do outro, a exemplo do que já estudamos na coluna sobre o subV.

Como o acorde diminuto possui dois trítonos, notamos que a mesma téttrade pode estar relacionada com quatro acordes dominantes diferentes. Em seu "Tratado de Harmonia", o músico austríaco Arnold Schönberg, (criador do dodecafonismo), define este tipo de acorde como "errante", já que pode seguir vários caminhos diferentes na sua resolução, dependendo do contexto com o qual está relacionado.

Portanto, para descobrir a função real de um acorde diminuto, devemos sempre observar a cadência com a qual ele está envolvido. O parâmetro é o fato de que o acorde diminuto sempre pressupõe a existência de um dominante não aparente, ou seja, funciona como um coringa. No exemplo 2, temos um F#^o no primeiro compasso. O primeiro trítono deste acorde (F# - C ou C - Gb) pode gerar um D7 ou um Ab7, como podemos observar no segundo e terceiro compassos. O segundo trítono deste acorde (A - Eb ou D# - A) pode gerar um F7 ou um B7, como é possível observar no terceiro e quarto compassos do exemplo 2.

IMPROVISANDO EM ACORDES DIMINUTOS

As possibilidades de improvisação no acorde diminuto dependem do contexto em que ele está inserido. Antes, porém, é preciso descobrir qual a sua real função. Em linhas gerais, quando resolve ascendente, está substituindo o V (dominante) do acorde de chegada. Mas, quando encontrado numa situação descendente, normalmente o acorde diminuto substitui o V/V.

Portanto, para descobrir a escala mais adequada para cada situação é necessário saber qual delas será empregada no acorde dominante que o diminuto substitui. Nas próximas colunas, mostrarei com exemplos práticos as situações abordadas neste espaço.

Sugestão de exercício: localize as possibilidades de resolução dos acordes diminutos da tabela mostrada neste espaço. Lembre-se que cada trítono possui duas possibilidades de resolução, sendo que cada acorde diminuto tem dois trítonos. Tente perceber a redundância destes elementos.

Dúvidas? Mandem e-mails... Respondo com o maior prazer! Abraço!